

JAZZ

13 JULHO 2016

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# Trio de Gonçalo Marques + Jacob Sacks

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Trompete** Gonçalo Marques **Contrabaixo** Demian Cabaud **Bateria** Bruno Pedroso  
**Piano** Jacob Sacks

Qua 13 de Julho  
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

### Caminho atrás, caminho à frente

Num país que, até há pouco, contava com poucos trompetistas de jazz, Gonçalo Marques tornou-se uma referência por méritos próprios e não porque faltassem outros distintivos sopradores desse instrumento. Para todos os efeitos, o seu nome ganhou uma maior ascendência agora que novas gerações de músicos surgiram a escolher o mais agudo dos metais. Foi longo o caminho percorrido até aqui chegar, contando a colaboração de Demian Cabaud e Bruno Pedroso com Marques já uma década.

É como este diz: «Tem sido uma bela caminhada. Fomos encontrando um rumo e um território comum para fazer a nossa música. Eu em particular, fui aprendendo a lidar com o espaço que um grupo desta natureza proporciona, e a lidar também com os desafios em termos de composição que traz. O trio foi-se transformando com as nossas próprias transformações, pelo que não somos as mesmas pessoas que éramos há 10 anos...» E eis que está aí um novo disco, o terceiro. Só três em 10 anos? Sim, há que permitir que cada experiência vivida conduza a uma construção interior, pois é isso que matura a arte e o artista. Afinal, e como defende uma outra figura da improvisação nacional, Luís Lopes, o interior é infinito, demonstrando o tempo que for preciso a percorrer. A pressa em mostrar resultados é um mau maestro.

Trio, disse? Sim, se bem que este tenha escolhido frequentes vezes ser um quarteto e até um quinteto, com a

adição de vários convidados especiais. Neste novo álbum e neste concerto temos a inclusão do norte-americano Jacob Sacks, mas um rol de outros o antecederam. Logo no primeiro álbum, *Da Vida e da Morte dos Animais*, Gonçalo Marques e os seus parceiros contaram com os préstimos de Bill McHenry, e essa vontade de incluir outras contribuições vingou.

«O Bill foi uma sugestão do meu amigo André Matos. Eu já estava a pensar chamar um tenor. Ouvi com mais atenção a música do Bill e vi que ele assentava que nem uma luva naquilo que eu queria fazer na altura. José Pedro Coelho e André Santos, músicos que admiro, também corresponderam às cores que eu pretendia para o meu segundo disco, que tem faixas em quinteto, em quarteto e em trio. Quanto ao Jacob, apareceu por oportunidade: veio a Portugal a convite de Carlos Martins, para dar um *workshop* na Festa do Jazz do S. Luiz, e o certo é que já há algum tempo que queria gravar com um pianista daquela linha estética. Juntei o útil ao agradável...», explica o também compositor.

E porquê Jacob Sacks, que – tal como no caso de Santos – não corresponde ao padrão a que nos habituou de convites a instrumentistas melódicos? «Gosto muito do Jacob. É um excelente pianista, tem um som incrível, e é também um grande improvisador, com uma abordagem bastante pessoal. Aprecio muito o piano e os trios de piano em particular. Aliás, alguns dos músicos que mais tenho ouvido nos últimos tempos são pianistas, por isso estou bastante

atento ao que se passa nesse mundo. A maneira de estar do Jacob atrai-me muitíssimo. Para além de ser supercompetente, tem uma grande imaginação, inventa texturas muito interessantes e adapta-se bem a contextos diferentes, sejam mais tradicionais ou mais *free*. O nosso único encontro até à data foi há dois anos e correu muito bem. Estou curioso para ver que caminhos vamos percorrer desta vez», afirma, expectante.

Este propósito de incluir outros timbres e outras possibilidades discursivas não caracteriza apenas um ambicioso líder de banda – define um compositor, sendo um sinal de maturidade pensar-se no conjunto da música e não apenas no envolvimento do instrumento que se toca. Tais desenlaces em que a música e o grupo importam mais do que o protagonismo do solista-compositor acabam sempre por favorecer aquele que está à frente de um projeto, mesmo quando este se coloca ao serviço do todo: «Trata-se de um processo de autodescoberta e este passa pela escrita. É um prazer enorme levar os meus temas para o grupo e descobrir com eles como devemos interpretá-los.»

Ao longo destes anos de atividade foi crescendo um já vasto repertório, e nele há uma característica que domina e que define todo um estilo e uma visão musical: os temas de Gonçalo Marques são, regra geral, melancólicos e utilizam tempos lentos ou médios-lentos. «Não é intencional, foi surgindo assim, naturalmente, talvez por influência das pessoas com quem toco mais regularmente e de alguns músicos que fui ouvindo nos

últimos tempos, com destaque para o pianista Masabumi Kikuchi e para as formações de Paul Motian. Não me esforço para soar desta ou daquela maneira. De resto, se sinto que me estou a repetir, procuro ir por outra via. Se bem que haja quem diga que se escreve sempre o mesmo tema», diz-nos Marques.

Este não exclui os *standards* das atuações ao vivo e dos discos, mas o curioso é verificar que a seleção que faz deles e os arranjos a que os submete convergem a um nível quase conceptual com as partituras de sua própria autoria, fazendo com que a sua produção musical tenha uma coerência e uma consistência globais que não são propriamente habituais. «Adoro tocar *standards*. Alguns desses temas têm melodias intemporais e, claro está, toda uma história associada. Por outro lado, o que gostamos de fazer no trio é entender o tema como um esboço e tomar decisões em tempo real sobre a maneira como o vamos abordar. Talvez um dia faça um disco de *standards* com uma linguagem mais clássica. Ou talvez não...», admite.

O “tempo real” é de extrema importância para Gonçalo Marques. Mesmo que este seja cada vez mais um compositor, a primazia do seu trabalho vai para a improvisação. A escrita quere-a ao serviço do momento: «Pois, isto tem que ver com o tal caminho que o grupo foi percorrendo. Sei que as coisas assim vão soar bem. Também tem que ver, mais uma vez, com as pessoas com quem tenho vindo a tocar e com a música que ouço mais obsessivamente. A música que mais me agrada situa-se

entre o escrito e o livremente improvisado, com as fronteiras entre um fator e o outro a esbaterem-se.»

Esta preferência faz com que tenha uma perspetiva unificadora quanto ao debate da tradição e da modernidade no jazz: «Não costumo pensar nisso de forma consciente ao compor ou ao improvisar, mas penso quando estudo e quando me ponho a ouvir. Ou seja: continuo a pesquisar a “tradição”, mas também tento estar atento aos novos desenvolvimentos que têm sido propostos e investigo aqueles que mexam mais comigo. O que me interessa especialmente são a profundidade da improvisação e as possibilidades da interação em tempo real numa banda. Claro que tudo acontece num contexto, e aprofundar o conhecimento de um determinado aspeto implica muitas vezes estudar o contexto. Sobre tudo, interessa-me perceber», comenta.

Um compositor da atualidade que já foi um improvisador, Gavin Bryars, sustenta a ideia de que só pela escrita a música ganha complexidade. Marques parece desmenti-lo: as suas composições são bastante simples, deixando para as improvisações o maior nível de intrincação. O que considera o trompetista: «A complexidade e a sua ausência não ocupam muito o meu espírito. Aliás, há temas que parecem simples mas são complicados e vice-versa. Por exemplo, Ethan Iverson falava em *faux-naïf* a propósito da música de Bill McHenry. Às vezes as coisas não são aquilo que parecem... Acho, no entanto, que há um certo tipo de interação que é mais eficaz num tema com uma estrutura simples

do que em outro mais elaborado. Talvez seja por isso que a música foi evoluindo nessa direção.»

Prestemos, pois, atenção a um dos mais notáveis músicos de jazz do Portugal de hoje, uma figura do trompete que sabe bem ao que vai, tem um trajeto sólido e ainda muito caminho para desbravar, de certeza que com outros trompetistas mais jovens a seguir o seu exemplo...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

## Gonçalo Marques

trompete

Com estudos realizados no Hot Clube de Portugal e no Berklee College of Music, Gonçalo Marques divide a sua atividade de músico entre a prática e a teoria, integrando formações como a Orquestra do Hot Clube e os LUME, e dando aulas na Escola de Jazz Luís Villas-Boas, na Escola Superior de Música e na Universidade Lusíada. Tem também uma interessante atividade letiva dedicada aos mais novos na Escola de Jazz Hot Clube e no CCB.

## Demian Cabaud

contrabaixo

Nascido na Argentina, mas há muito radicado no Porto, Demian Cabaud passou igualmente pelo Berklee College of Music de Boston e em Portugal estuda com o contrabaixista clássico Alejandro Erlich Oliva. É membro da Orquestra Jazz de Matosinhos e lidera os seus próprios grupos, com vários discos publicados em diversas formações. Colaborou com Joe Lovano num DVD didático.

## Bruno Pedroso

bateria

Formado na Academia dos Amadores de Música e na Escola de Jazz do Hot Clube, Bruno Pedroso começou por integrar formações do pop-rock português como Heróis do Mar e Mler If Dada. Virou-se para o jazz colaborando no início com Nanã Sousa Dias e Tomás

Pimentel, e tendo já trabalhado com os principais músicos de Jazz portugueses. Participações em projetos de Nuno Rebelo e Paulo Curado levaram-no para outros âmbitos.

## Jacob Sacks

piano

Um produto da prestigiada Manhattan School of Music, Jacob Sacks conta no seu currículo com inclusões em grupos da primeira linha do jazz como a Mingus Jazz Band, o Paul Motian Septet e os Balance de David Binney. Tocou com os maiores do “novo jazz”, como Tony Malaby, Chris Potter, Mark Turner, Ben Monder e Brian Blade, sempre encontrando espaço para o seu estilo muito próprio.

## Próximo espetáculo

# Von Calhau!

## RE VOLTA SUBICIDA

**Música Qui 14, sex 15 de julho**

Palco do Grande Auditório (lotação reduzida) · 21h30 · Dur. 45 min · M12

Von Calhau! é o nome de uma dupla de artistas, Marta Ângela e João Artur, que tem desenvolvido, nos últimos dez anos, um fecundo trabalho de colaboração nas áreas da música e das artes visuais, com múltiplas ramificações e cruzamentos vários, que se vai manifestando em concertos e *performances*, na edição de discos, na realização de filmes e vídeos, numa profusa produção de desenhos e obra gráfica, ou em publicações. Com recurso a esses diferentes meios, e explorando constantemente a miscigenação de referências e elementos das mais diferentes extrações, os Von Calhau! têm vindo a construir um imaginário e uma cosmogonia muito próprios, esotéricos e escatológicos, a partir dos quais interrogam a sua e a nossa condição no mundo. Em 26 de novembro do ano passado, no quadro da sua exposição *oximoroboro*, na Culturgest, realizaram um concerto surpreendente, VOLTA SUBICIDA, que, nas suas palavras, “meteu água, gasolina, eletrónica



e voz”. Quase oito meses volvidos, os Von Calhau! regressam a esse concerto; regressam ao movimento ascensional que lhe dava sentido (e direção) e aos mesmos espaços cénicos. Esta sequela poderá ser uma recriação ou variação do concerto anterior, ou poderá dele divergir para se transformar numa outra coisa qualquer. Eles sabem de onde partem, mas ainda é cedo para saberem onde vão chegar.

### Conselho de Administração

#### Presidente

Álvaro do Nascimento

#### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

#### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

#### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

#### Estagiárias:

Nádia Gomes

Nádia Luís

#### Direção de Produção

Margarida Mota

#### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

#### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

#### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

#### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

#### Receção

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caisotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt